

O OLHAR DAQUELE, A QUEM SE FALA

*Karine Nascente Leão Nascimento*1

Uniasselvi, karinenascente@hotmail.com1

*Glaysson José Pinheiro Rêgo*2

Uniasselvi, glaysinho67@gmail.com2

Uelington Oliveira dos Santos 3

Uniasselvi, Uellingtonpetu@gmail.com 3

Resumo: O artigo tem como objetivos conhecer de que forma o aluno surdo está sendo inserido no contexto escolar, compreender de que maneira a comunicação se compõem entre o aluno surdo e o professor e descrever a importância que a escola teve para este aluno. Sendo uma pesquisa qualitativa, documental e descritiva. Tendo como ponto principal o olhar daquele, a quem se fala, ou seja, o próprio surdo. A pesquisa é baseada em uma entrevista realizada a três estudantes surdos, que passaram pelo ensino regular os quais nos contam sua trajetória escolar, percorrida antes e depois da lei da Libras

Palavras chave: Aluno, escola, surdez

1. INTRODUÇÃO

Este artigo visa trabalhar o tema “A importância da escola para a comunidade surda” Tendo como objetivos conhecer de que forma o aluno surdo está sendo inserido no contexto escolar, compreender de que maneira a comunicação se compõem entre o aluno surdo e o professor e descrever a importância que a escola teve para este aluno surdo.

A pesquisa tem como objetivo ser descritiva, ou seja, descrever de que forma estes alunos foram inseridos no contexto escolar e como a comunicação entre professor e o aluno surdo foi produzida. Além de ser explicativa, visando explicar como esse processo de escolarização implicou no desenvolvimento deste aluno e quais benefícios lhe trouxeram.

Gil, 200 (apud ROBLDO LIMA GIL) afirma que este tipo de pesquisa preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos

fenômenos, ou seja, este tipo de pesquisa explica o porquê das coisas através dos resultados oferecidos.

Ele ressalta que uma pesquisa explicativa pode ser a continuação de outra descritiva, posto que a identificação de fatores que determinam um fenômeno exige que este seja suficientemente descrito e detalhado.

Sendo uma pesquisa qualitativa, pois tem como finalidade levantar dados sobre as motivações de um grupo de sujeitos e em compreender e interpretar o comportamento desses indivíduos, em obter uma aquisição mais detalhada.

Quanto aos procedimentos técnicos é uma pesquisa documental, pois não tem tratamento científico e tem como análise, entrevista realizada a três alunos surdos de distintas escolas e idade. A qual será aplicada uma entrevista semi- estruturada.

É um tipo de entrevista mais espontâneo do que a entrevista estruturada;

Nesse tipo de entrevista, o entrevistador tem um conjunto de questões predefinidas, mas mantém liberdade para colocar outras cujo interesse surja no decorrer da entrevista;

As questões pré- definidas são uma diretriz, mas não ditam a forma como a entrevista irá decorrer, na medida em que as questões não têm de ser colocada numa determinada ordem nem exatamente da mesma forma com que foram inicialmente definidas; (PORTAL DA EDUCAÇÃO) ¹

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sabemos que é na escola que o aluno começa a descobrir o mundo, a conviver com pessoas diferentes, tanto fisicamente como no modo de agir, de pensar e classe social, aprendendo a respeitar essas divergências. Como também, começa adaptar- se a regras e rotina, estabelecendo a troca de conhecimentos, ou seja, o momento de aprender e também ensinar.

CAMBRUZI E COSTA (2016) aponta que a escola deve ampliar o acesso e o conhecimento do individuo, considerando o aluno em suas dimensões, não reduzindo a

¹ Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/recursos-humanos/entrevista-semi-estruturada-e-suas-caracteristicas/62328>> Acesso: 22 abr. 2018

inteligência e a aprendizagem dele. Atualmente as escolas recebem alunos diversificados e deve levar em consideração esse aspecto.

Essa diversidade não consiste apenas em ter uma deficiência, mas sim, de que todo indivíduo é único, e aprende de forma específica, alguns são mais visuais, outros aprendem ouvindo e alguns através de práticas. Dessa forma, o papel do professor é apenas lapidar o diamante bruto, porém deixar que seu brilho se propague.

[...] educação é o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social [...] É uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal, para realizar nos sujeitos humanos as características de “ser humano”. [...] (LIBÂNEO, 1998a, p. 22).

A escola precisa ser um lugar acolhedor, desejoso de se estar. Onde nosso aluno se sinta feliz, o qual reconheça suas habilidades e fraquezas, mas que tenha o desejo de progredir ainda mais e vencer seus desafios. O qual aprende a ter responsabilidades e autonomia de seu estudo. Um local, onde encontramos pessoas que nos inspiram, nos motivam a darmos o nosso melhor e que nos valorizam em nossa individualidade. Talvez ali farão amizades que perduram por toda a vida. A escola é muito mais do que apenas um ambiente de estudo, e sim uma preparação para nossa vida inteira.

SURDEZ: CONCEITO

Este aluno que iremos destacar nesse artigo tem como característica a surdez, para que possamos entender melhor esse indivíduo, acredito ser jus conhecermos o que caracteriza uma pessoa surda.

LUCHESE, 2017. Ressalta que é aquele indivíduo que não consegue compreender a língua oral, pelo fato de existir uma perda auditiva considerada, onde este passa a conhecer o mundo através de um modo visual.

O Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005 regulamenta a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 e considera a pessoa surda como aquela que por meio de suas experiências visuais compreende e interage com o mundo. Este mesmo decreto corrobora com o Decreto 3.298 quando considera deficiente auditivo a pessoa com perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um 119 ISSN: 2318-6593 Revista Maiêutica, Indaial, v. 5, n. 01, p. 117-128, 2017 decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz. PIETZAK E PROBSTN, 2017, p. 20 apud BRASIL, 2005.

LUCHESE (2017, p. 87) “Considera o sujeito surdo como àquele que tem apenas uma diferença linguística, conseqüentemente, uma diferença cultural”. Ou seja, que possui uma forma diferente de comunicação, o qual se expressa através das mãos, expressões faciais e corporais. Sendo essa sua diferença linguística.

Este individuo pode ter nascido surdo, ou ter adquirido a surdez ao longo de sua vida.

PROCESSO HISTÓRICO DA PESSOA SURDA

Ao estudarmos o processo histórico da pessoa surda, nos deparamos com um período triste e sem progresso para estes sujeitos. Aos quais eram tratados como pessoas inúteis, dependentes, outras vezes como seres enfeitiçados ou até mesmo pessoas que tinham um poder divino. Estes eram jogados de penhascos, escravizados. Por conseguinte pouco a pouco os surdos foram tomando seu espaço, utilizando uma forma de comunicação gestual e visual. Até o momento em que no Congresso de Milão em 1880 houve uma votação entre os próprios ouvintes, onde se proibiu a língua de sinais, pois, os surdos deveriam ser oralizados. Com intuito de haver uma comunicação homogênea.

Essa filosofia oralista trouxe sérias conseqüências que perduraram por mais de cem anos no mundo todo. Entre elas o massacre generalizado a todos os surdos na obrigatoriedade com o uso da fala; visão somente clínica da pessoa surda; anos de atraso no processo educacional com o fracasso total dos surdos e de seus idealizadores; e a restrição ao uso da Língua de Sinais na comunicação. GIROLETTI 2017, p. 14

Após 122 anos de sofrimento e de luta, os surdos puderem contemplar uma lei que os favorecesse como ser humano capaz de pensar, de manifestar sua vontade. A qual daria um “ponta pé” inicial para sua jornada.

De acordo com a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, quem tem como objetivos.

Art. 1º expressar que a Língua Brasileira de sinais (Libras) é legal para os recursos de comunicação e expressão. Sendo um sistema linguístico de natureza visual-motora. Art. 2º O poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos devem apoiar a difusão da Libras. Art. 3º Garante atendimento e tratamentos adequados às pessoas com deficiência auditiva. Art. 4º A inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, o ensino da Língua Brasileira de Sinais. Art. 5º a lei entra em vigor na data da publicação.

A partir dessa data, os surdos tiverem o direito de expressarem-se através da língua de sinais, garantindo o direito de integração nas escolas e de ter um profissional qualificado. Tendo como a língua de sinais sua língua materna (L1) e a língua portuguesa como segunda língua (L2), na modalidade escrita/oral.

Iremos relatar a entrevista, conhecendo como foi realizada inclusão desse aluno surdo no ensino regular e compreender de que forma essa comunicação de ensino e aprendizagem foi estabelecida. Sendo que nossos três entrevistados passaram pelo processo sem a lei da Libras, como também o momento em que ela foi promulgada.

Entretanto, antes da Lei da Libras, ser decretada, já se garantia os direitos de todas as pessoas, sejam elas com alguma deficiência ou não. Sendo assim, faz-se necessário ressaltar a Lei Artigo 53 da lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990 que estabelece todos os direitos de um cidadão, seja ele com alguma deficiência ou não. Dessa forma, nossos alunos surdos, deveriam estar na escola, ampliando seus conhecimentos, interagindo com a professora e demais colegas, sem que sua deficiência sobressaia á frente, do que aquele individuo específico que ali acompanha.

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se lhes:

I- igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

III- direito de ser respeitado por seus educadores;

III- direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores;

IV- direito de organização e participação em entidades estudantis;

V- acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência;

Parágrafo único. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

A entrevista foi realizada com auxílio de Pedro Henrique², interprete. Sendo entrevistados dois homens e uma mulher, os quais me autorizaram para que seus nomes fossem expostos, Ana Paula³ e Glaysson⁴ relataram que sua escola era longe de sua casa, e ambos tinham o auxílio, dos pais para poderem chegar até ao local, porém Moabe⁵ morava perto da escola. Todos estudaram em escola regular, porém Ana Paula foi oralizada, pois, tinha uma perda leve na época, expõem uma observação.

Eu estudava em uma escola particular de freiras. A freira disse que eu não tinha condições de aprender nada, então minha mãe que me estimulava. Com o processo de inclusão, a diretora da escola particular, pediu para que eu fosse para a escola pública, e isso me trouxe um choque, como por exemplo, o esquecimento. Por causa desses traumas antigos, e tudo isso me vem à mente ainda hoje. Porém não gostava da inclusão, pois, não me sentia inclusa. (Informação verbal)⁶

Quanto aquisição da Libras, todos aprenderam, com uma idade, acima de 14 anos, antes disso, usavam meios que podiam ser compreendidos por seus familiares. Nesse caso podemos observar a Comunicação Total. GIROLETTI, (2017, p. 15 apud SCHELP, 2008, P.51)“[...] a principal meta era o resgate na comunicação das pessoas surdas. Este modelo combinava a língua de sinais, gestos, mímicas, leitura labial, [...]”.

Exceto Moabe, que teve contato com a Libras aos 8 anos de idade, mas ainda não tinha fluência.

Da mesma forma que uma criança ouvinte é estimulada a falar e a interpretar os nomes dos objetos em seus primeiros anos de vida é essencial que a criança surda seja inserida a esse desenvolvimento, neste caso com a língua de sinais. Filhos surdos de pais surdos, já nascem nesse convívio, porém a criança surda com pais ouvintes tende a protelar o contato com a Libras, pois, há um estímulo maior, para o alcance da fala, através de

² Pedro Henrique de Jesus Santos, interprete de Libras

³ Ana Paula dos Santos, 49 anos

⁴ Glaysson José Pinheiro Rêgo, 30 anos

⁵ Moabe, 30 anos

⁶ TABOSA, Ana Paula dos Santos: depoimento [maio. 2018].

Entrevistadora: Karine Nascente Leão Nascimento e Pedro Henrique de Jesus Santos. Itabuna- BA
Entrevista concedida para o trabalho científico da Uniasselvi.

fonodiologas ou aparelhos auditivos, retardando o ensino da língua de sinais. É o caso de nossos entrevistados, que todos são filhos de pais ouvintes.

Quanto à comunicação entre o professor regente e o aluno, pude constatar que entre os três entrevistados, apenas Ana Paula, teve uma professora regente que dominava Libras, enquanto os outros usavam a escrita para se comunicar. Moabe⁷ faz um comentário muito relevante quanto à forma dessa comunicação. “Me sentia um burro por não compreender nada”.

Podemos comparar este caso a uma pessoa ouvinte onde esta é apenas oralizada, porém analfabeta. Quando este sujeito pegar um texto para ler, não haverá compreensão. Será a mesma situação, do surdo que não compreende a fala oralizada.

Giroletti (2017) ressalta que é importante que a criança surda acesse primeiramente a sua língua materna a L1 e posteriormente a L2, na forma escrita/ e oral.

Quanto à pergunta, se havia sempre um interprete em sala, nos deparamos com três experiências distintas.

“Não, mas a minha professora sabia Libras. Com o tempo a diretora me tirou dessa sala, porque eu oralizava. Minha mãe tinha uma amiga médica que era especialista na área e ela falava que a Libras iria me prejudicar na fala⁸”.

“Tinha, porém o interprete não tinha muita habilidade com a Libras, então eu usava imagens para adaptar e assim fui aprendendo através das imagens⁹”.

“Não tinha, minha irmã ia umas duas vezes na semana na escola para me ajudar¹⁰”.

Vemos que nestes casos, o artigo 53 da Lei n^o 8.069, paragrafo I, II eIV. Não se aplicava a estes alunos, pois, na há uma “igualdade” no recebimento da informação. Qual a

⁷ SANTOS, Moabe Sousa dos : depoimento [maio. 2018].

Entrevistadora: Karine Nascente Leão Nascimento e Pedro Henrique de Jesus Santos. Itabuna- BA
Entrevista concedida para o trabalho científico da Uniasselvi

⁸ TABOSA, Opus citatum.

⁹ SANTOS, Opus citatum.

¹⁰ RÊGO, Glaysson José Pinheiro: depoimento [maio. 2018].

Entrevistadora: Karine Nascente Leão Nascimento e Pedro Henrique de Jesus Santos. Itabuna- BA
Entrevista concedida para o trabalho científico da Uniasselvi.

finalidade de um aluno surdo está presente em uma sala regular, se não há compreensão? O mesmo acontece com um ouvinte, que desconhece um “tal” idioma e este é posto em uma sala, onde todos falam essa língua desconhecida.

Girroletti, (2017) apud Omote (2006) defende que o ponto em questão não é o simples atendimento das crianças com deficiência, mas sim a provisão de condições necessárias para um ensino de qualidade, assegurando as oportunidades de acesso e permanência. Sem tais condições a inclusão é uma farsa. A inclusão enquanto processo que é, deve sim criar oportunidades para potencializar as vantagens de ter alunos deficientes em sala de aula, mas precisa ir, além disso, desafiando para a redução das desvantagens.

Quanto aos colegas, ambos relataram que eles tinham vontade de ajuda-los, apesar de desconhecerem a língua de sinais, usavam algumas vezes a mímica, escrita e raramente alguém sabia a datilologia.

As provas aplicadas eram a mesma dos ouvintes, o que muitas vezes pode prejudicar o surdo, pelo fato de ele ser muito visual. Por exemplo, caso a professora faça um ditado, onde os ouvintes ouvem a pronúncia e escreve. E o surdo? Como isso iria se aplicar? Com toda a certeza, através de imagens, sempre que possíveis, pois, caso o interprete tenha que soletrar essa palavra pela datilologia, estaria resolvendo o ditado a este aluno. Outro exemplo é se na prova tenha exercícios sobre fonema, como esse surdo irá pronunciar e ouvir a intensidade dessa palavra? É algo inviável, então há sim uma extrema necessidade de que as provas sejam adaptadas. Moabe¹¹ afirma esse posicionamento quando diz “Procurei a direção da escola explicando que a prova deveria ser diferente, pois, o surdo necessita de imagens. E nenhuma providencia foi tomada”.

Perguntei o que a escola deveria fazer para integrar o surdo e sua cultura, em contrapartida Ana Paula me respondeu “A escola deveria colocar surdos para estudar só com surdos e ouvintes só com ouvintes”, Glaysson, ”Precisa entender que o surdo aprende através da adaptação visual e que o interprete serve para complementar essa interação e não ensinar. Há alguns professores de outras matérias que tem um pouco de conhecimento da Libras, mas há outros que não sabem nada” e Moabe “A escola precisa estar preocupada em estimular o

¹¹ SANTOS, Opus citatum

surdo, mostrar o que se deve fazer, tanto na vida secular, o surdo vai ao médico, e não conhece determinados termos científicos, o papel da escola é orientar este lado, pois, os ouvintes são orientados desde pequenos”.

Nestes casos vemos respostas diferentes, porém, com o mesmo ideal, de serem aceitos juntamente com sua cultura.

Giroletti (p. 70, 2017) apud Sá (2001), traz uma citação a respeito da cultura surda, frente aos ouvintes.

Ainda apresenta argumentação sobre a cultura surda em que a sociedade ouvinte, de certa forma, nega que existe uma cultura surda, baseando-se no discurso da homogeneidade, todos, são iguais, ou ainda que eles estejam inseridos em uma cultura e vivam a base desta que é a maioria ouvinte. Assim, o diferente não existe, a possibilidade da diferença é silenciada. O que ocorre é que os surdos são obrigados, muitas vezes, a desconsiderar os marcos de sua própria cultura em troca dos marcos superiores da cultura geral comum.

E para finalizar a entrevista. O que a escola lhe proporcionou? Moabe "A família foi quem sempre me estimulou e me ajudou assim como os interpretes que me incentivaram a estudar e a buscar mais" Ana Paula, "Projeto da inclusão dou nota 0, o surdo só consegue aprender quando esta com o surdo" e Glaysson "Tenho uma gratidão pelo que a escola me ajudou, porém, o ponto forte foi à família que incentivou e buscou recursos”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma podemos analisar o primeiro objetivo conhecer de que forma o aluno surdo está sendo inserido no contexto escolar. De acordo com nossos entrevistados, averiguamos que muitos surdos ainda entram nas escolas sem conhecer a língua de sinais. Além disso, são expostos a viver na sala de aula, a cultura ouvinte. Realizando trabalhos e provas homogêneos. Tendo assim, desvantagens perante os outros colegas, as quais retêm o conhecimento através da audição e visão, no entanto o surdo captura tudo apenas pela visão.

Quanto à forma de comunicação entre o aluno surdo e o professor regente, é a menor possível, simplesmente por não saberem se comunicar pela língua de sinais. Passando assim, a sua voz para interprete, o qual muitas vezes recebe a função não só de interpretar, mas sim o de ensinar. Sendo que muitos desses profissionais, não dominam a Libras, e isso automaticamente surgirá efeito no desenvolvimento de nosso aluno. Por esse motivo é de

extrema importância à contratação de profissionais qualificados e capazes de assumir esse papel tão importante. Pois, esse se torna o porta voz. Além disso, é necessário, que haja cursos gratuitos nas escolas para o ensino da língua de sinais, para que tanto os professores e alunos possam aprender e possam comunicar-se diretamente com esse aluno/colega. A cultura surda e a língua de sinais, necessita ser mais propagada. Durante a entrevista me senti incapaz, pois, necessitei de um interprete para que a entrevista fosse realizada, pois, o básico que eu sei não me possibilita a ter uma conversação mais ampla. Este trabalho é realizado por dois colegas surdos, os quais, com sua infinita paciência, estão prontos para auxiliar aquele que desejar conhecer sua língua e cultura.

Quanto a descrever a importância que a escola teve para estes alunos, ficou explicito nas respostas dos nossos entrevistados. Os quais declararam que a escola ajudou, porém, o ponto central foi à família, que lutou para que estes tivessem seus direitos em vigor, como também alguns interpretes, que por conhecerem as dificuldades que os surdos enfrentam, ajudam esses a fortalecerem-se e a buscar seus direitos. Com muita garra, tivemos um grande progresso na área da surdez, no entanto ainda há muito que melhorar e aperfeiçoar. Não é forma melhor de compreender aquele de quem falamos, do que por sua própria voz.

REFERÊNCIAS

GIL, Robledo Lima. Licenciatura em Ciências Biológicas. Disciplina de Pesquisa do Ensino de Ciências e Biologia. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/ecb/files/2009/09/Tipos-de-Pesquisa.pdf>> Acesso: 14 abr. 2017

GIROLETTI, Marisa Fátima Padilha. Aquisição da língua de sinais para surdos como L1. Indaial: Uniasselvi, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos, para quê? São Paulo: Cortez, 1998a.

LUCHESE, Anderson. Políticas e a educação de surdos no Brasil. Uniasselvi, 2017

PIETZAK, Julianne de Deus Corrêa E PROBST, Melissa. Bilinguismo e a inclusão escolar dos alunos surdos. 2017 Disponível:
<https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/PED_EaD/article/view/1743/850> Acesso: 26 maio. 2018

PORTAL EDUCAÇÃO. Entrevista semi-estruturada e suas características. Disponível em:
<<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/recursos-humanos/entrevista-semi-estruturada-e-suas-caracteristicas/62328>> Acesso: 22 abr. 2018

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, CASA CIVIL: Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm> Acesso: 23 maio. 2018

SANTOS, Moabe Sousa dos : depoimento [maio. 2018].
Entrevistadora: Karine Nascente Leão Nascimento e Pedro Henrique de Jesus Santos. Itabuna- BA
Entrevista concedida para o trabalho científico da Uniasselvi

RÊGO, Glaysson José Pinheiro: depoimento [maio. 2018].
Entrevistadora: Karine Nascente Leão Nascimento e Pedro Henrique de Jesus Santos. Itabuna- BA
Entrevista concedida para o trabalho científico da Uniasselvi.

TABOSA, Ana Paula dos Santos: depoimento [maio. 2018].
Entrevistadora: Karine Nascente Leão Nascimento e Pedro Henrique de Jesus Santos. Itabuna- BA
Entrevista concedida para o trabalho científico da Uniasselvi.

Perguntas da entrevista:

1. Sua escola era próxima de sua casa?
2. Sua escola era de ensino regular ou uma escola especial?
3. Quando você foi inserido no meio escolar, você já conhecia a Libras e sabia se comunicar por ela?
4. Com quantos anos você teve contato com a Libras?
5. Seu professor regente se comunicava em Libras com você?
6. Seus colegas comunicavam se através da libras? Ou usavam outro meio, qual?
7. Havia um interprete diariamente acompanhando você em sua escola?
8. Nos trabalhos em grupo você sentia se integrado?
9. O que a escola precisa fazer para integrar o surdo e sua cultura?
10. Suas provas eram adaptadas?
11. O que a escola lhe proporcionou?

Nome: Glaysson José Pinheiro Rêgo

Idade: 30anos

1. **Sua escola era próxima de sua casa?** Longe de mais meu pai que buscava e levava.
2. **Sua escola era de ensino regular ou uma escola especial?** Ensino Regular
3. **Quando você foi inserido no meio escolar, você já conhecia a Libras e sabia se comunicar por ela?** Já usava libras, mas as pessoas não conheciam muito bem, então a comunicação era simplória.
4. **Com quantos anos você teve contato com a Libras?** 16 anos
5. **Seu professor regente se comunicava em Libras com você?** O professor não sabia libras, usava somente a escrita.
6. **Seus colegas comunicavam se através da Libras? Ou usavam outro meio, qual?** Não, às vezes usavam a escrita. Mas havia um aluno que conhecia a datilologia, e às vezes me perguntava o sinal de determinada coisa.
7. **Havia um interprete diariamente acompanhando você em sua escola?** Não tinha, minha irmã ia umas duas vezes na semana na escola para me ajudar.
8. **Nos trabalhos em grupo você sentia se integrado?** Sim, os colegas sentiam essa preocupação de me integrar no grupo.
9. **O que a escola precisa fazer para integrar o surdo e sua cultura?** Precisa entender que o surdo aprende através da adaptação visual e que o interprete serve para complementar essa interação e não ensinar. Há alguns professores de outras matérias que tem um pouco de conhecimento da libras, mas há outros que não sabem nada.
10. **As provas eram adaptadas?** Não
11. **O que a escola lhe proporcionou?** Tenho uma gratidão pelo que a escola me ajudou, porém, o ponto forte foi à família que incentivou e buscou recursos.

Nome: Moabe

Idade: 30 anos

1. **Sua escola era próxima de sua casa?** Sim
2. **Sua escola era de ensino regular ou uma escola especial?** Regular
3. **Quando você foi inserido no meio escolar, você já conhecia a Libras e sabia se comunicar por ela?** Conseguia comunicar-se com surdos por meio da libras, porém com os ouvintes não, mesmo usando Libras.
4. **Com quantos anos você teve contato com a Libras?** 8 anos
5. **Seu professor regente se comunicava em Libras com você?** Não, somente através da escrita, me sentia um burro por não compreender nada.
6. **Seus colegas comunicavam se através da Libras? Ou usavam outro meio, qual?** Usavam três meios, o alfabeto manual datilologia, escrita e mimica. Porém não tinham conhecimento da libras.
7. **Havia um interprete diariamente acompanhando você em sua escola?** Tinha, porém o interprete não tinha muita habilidade com a libras, então eu usava imagens para adaptar e assim fui aprendendo através das imagens.
8. **Nos trabalhos em grupo você sentia se integrado?** Sentia me integrado dentro da sala de aula, porém fora eu era excluído.
9. **O que a escola precisa fazer para integrar o surdo e sua cultura?** A escola precisa estar preocupada em estimular o surdo, mostrar o que se deve fazer, tanto na vida secular, o surdo vai ao médico, e não conhece determinados termos científicos, o papel da escola é orientar este lado, pois, os ouvintes são orientados desde pequenos.
10. **As provas eram adaptadas?** Não tinha provas adaptadas era igual à de todos os outros. Procurei a direção da escola explicando que a prova deveria ser diferente, pois, o surdo necessita de imagens. E nenhuma providencia foi tomada
11. **O que a escola lhe proporcionou?** A família foi quem sempre me estimulou e me ajudou assim como os interpretes que me incentivaram a estudar e a buscar mais

Nome: Ana Paula **Idade:** 49 anos

- 1. Sua escola era próxima de sua casa?** Não, minha mãe me levava. Eu estudava em uma escola particular de freiras. A freira disse que eu não tinha condições de aprender nada, então minha mãe que me estimulava. Com o processo de inclusão, a diretora da escola particular, pediu para que eu fosse para a escola pública, e isso me trouxe um choque, como por exemplo, o esquecimento. Por causa desses traumas antigos, e tudo isso me vem à mente ainda hoje. Porém não gostava da inclusão, pois, não me sentia incluída.
- 2. Sua escola era de ensino regular ou uma escola especial?** Escolar regular, porém não gostava da inclusão, pois, não se sentia incluída.
- 3. Quando você foi inserido no meio escolar, você já conhecia a Libras e sabia se comunicar por ela?** Não, sempre fui oralizada, dentro da escola comecei uma amizade com uma menina de 18 que me ensinou libras.
- 4. Com quantos anos você teve contato com a Libras?** 14 anos
- 5. Seu professor regente se comunicava em Libras com você?** Usava libras. Uma ótima professora amava ela.
- 6. Seus colegas comunicavam se através da Libras? Ou usavam outro meio, qual?** Na época tinha uma perda auditiva leve então usava a oralização e a Libras.
- 7. Havia um interprete diariamente acompanhando você em sua escola?** Não, mas a minha professora sabia libras. Com o tempo a diretora me tirou da sala, pois, eu oralizava, minha mãe tinha uma amiga médica que era especialista na área e ela falava que a Libras iria me prejudicar na fala.
- 8. Nos trabalhos em grupo você sentia se integrado?** Sim
- 9. O que a escola precisa fazer para integrar o surdo e sua cultura?** A escola deveria colocar surdos para estudar só com surdos e ouvintes só com ouvintes
- 10. As provas eram adaptadas?** Não eram adaptadas.
- 11. O que a escola lhe proporcionou?** Projeto da inclusão dou nota 0, o surdo só consegue aprender quando esta com o surdo.